



**LE GOFF, Jacques. O Deus da Idade Média: conversas com
Jean-Luc Pouthier; tradução de Marcos de Castro. – 6º ed. - Rio de
Janeiro: Civilização Brasileira, 2021. 126p.**

Bruno de Medeiros Stingheli¹

Le Goff nasceu em 01 de Janeiro de 1924 em Toulon, França. Foi historiador da *École des Annales* e especialista no período medieval, sobre o qual já produziu grandes obras como: *Uma Longa Idade Média* (2008); *A Civilização do Ocidente Medieval* (2018); *O Homem Medieval* (1989) e diversas outras. Por suas contribuições no campo da História, foi agraciado com o título Doutor *Honoris Causa* das Universidades de Cracóvia, Louvaine, Jerusalém, Budapeste, Varsóvia, Bucareste, Cluj e Praga.

O autor inicia o livro enfatizando que o estudo em questão não é, absolutamente, uma evocação dogmática ou exegetica da doutrina cristã, mas, sobretudo, a apreciação da construção imagética de Deus e sua influência na configuração das sociedades cristã-ocidentais da Idade Média. A concepção de Deus sempre despertou grande interesse e admiração e foi abordada pelo historiador, na introdução do livro, como objeto de estudo e “assunto de história”. De acordo com a historiadora Néri de Barros Almeida, o Ocidente instituiu a História como potência para a memória social, sendo esta um repositório de práticas culturais, dinâmicas sociais e linguagens políticas. Ou seja, seria praticamente impossível, ou pouco proveitoso, pesquisar sobre o Ocidente sem esbarrar nas raízes da Igreja, na mentalidade dos homens da época e no exercício da fé cristã.

De fato, desde a aurora do Cristianismo, o exercício da fé traz a necessidade de representar Deus e conhecê-lo profundamente. Em suas confissões, o Bispo de Hipona, ao refletir sobre o presente, suplica: “Ó Deus, tu me conheces, faz que eu te conheça, como sou por ti conhecido” (AGOSTINHO, 2002, p. 269). Tal postulação permite-nos evidenciar a ânsia humana de experimentar o Divino e o desejo de se relacionar com Ele. Como Le Goff pontua, essa aproximação se dá pela “antropomorfização” de Deus,

¹ Graduado em História pela Universidade Paulista. e-mail: stingheli@hotmail.com

ou seja, Sua imagem está intrinsicamente ligada à imagem humana gerando assim um ponto de identificação.

No primeiro capítulo, intitulado “De que Deus se trata?” O historiador francês determina o objeto do estudo: não apenas Deus, mas o Deus cristão que se impõe no Ocidente. Com os significativos avanços e o estabelecimento do cristianismo, a partir da cristianização do império romano no século IV, nota-se uma transformação no plano espiritual; o deus antes marginalizado surgia agora como deus oficial, na figura do Cristo encarnado. Segundo o autor, a figura de Jesus, na pessoa do Deus homem, preenche uma lacuna importante, pois é capaz de influenciar todas as hierarquias da sociedade medieval. Em suma, o cristianismo era um reflexo do estado de espírito daquela sociedade, pois passou a “responder melhor aos anseios espirituais” (FRANCO, 1985, p. 26) de sua época, por meio de sacramentos: batismo, confissão, casamento e até mesmo liturgia fúnebre.

A partir do segundo capítulo, “Duas figuras maiores, o Espírito Santo e a Virgem Maria”, o autor trabalha a ideia de um Deus uno em essência e trino em manifestação, mais especificamente na figura do Espírito Santo que, segundo o mesmo, passa a exercer potência política e social na mentalidade feudal do século XIII, pois assume lugar de destaque em atividades coletivas, tornando-se o deus das confrarias e dos hospitais. Por outro lado, conforme as necessidades sociais se intensificam – crises, pestes, iminência de morte – surge a necessidade de diversificar as manifestações de Deus. Na passagem do século XIV para o século XV, as iconografias de Deus e da Trindade passam a associá-los à imagem da Virgem Maria, que ganha cada vez mais espaço no imaginário cristão. Em sua busca de estabelecer uma relação mais afetiva com a divindade, o homem feudal recorre à figura feminina, materna. De acordo com o historiador Victor Manuel Adrião, Bernardo de Claraval (S. Bernardo) é tradicionalmente o primeiro a tratar a virgem por “Mãe” e “Nossa Senhora”, após a ocasião, retratada em sua hagiografia milagrosa, em que clama à Santa: *Monstrate esse Matrem*, “mostra-te maternal”, e Ela derrama em sua boca três gotas de leite de sua seiva vital, selando sua condição de intercessora.

No capítulo três, Le Goff faz um mapeamento entre “A sociedade medieval e Deus”, abordando esta dinâmica social em um novo sistema econômico, político e ideológico. Sistema este que é *conditio sine qua non* para a compreensão do Deus

representado na linguagem feudal, afinal, como afirma Johan Huizinga, um dos mais eminentes historiadores do século XX, o pensamento medieval está sempre atrelado às concepções da fé cristã. Nesse sentido, a sociedade medieval sempre buscou associar Deus, por meio de imagens e funções, a uma figura régia que exercesse dominação, comando e, acima de tudo, proteção, visto que na Idade Média a paz era precária e, muitas vezes, conquistada com dificuldade. Por outro lado, os reis terrestres, seculares se aproveitaram de tal representatividade e passaram a utilizar mecanismos simbólicos para sacralizar seus poderes políticos e afirmar sua legitimidade. De acordo com o autor, tal conjuntura permitiu a aproximação do regime feudal com a Igreja de tal maneira que o colapso do feudalismo trouxe consigo um processo de descristianização.

No quarto e último capítulo o diálogo explora as relações entre Deus e a Igreja, bem como entre a Igreja e os homens e mulheres da sociedade feudal, situando “Deus na cultura medieval” através de uma tensão produzida a partir de tais relacionamentos. Explica Le Goff que a dominação da Igreja, sobretudo no século XII, se dá principalmente com a instrumentalização da teologia (ciência de Deus) e a prática de sacramentos, tornando-a uma instituição única e fundamental para a salvação humana. Portanto, a presença da escolástica buscou uma leitura interpretativa e alegórica das sagradas escrituras possibilitando não só o enquadramento social nos mandamentos de Deus, mas também a evolução de Deus com o passar dos tempos. Por fim, uma questão provocativa que o autor abordou nesse capítulo é a construção da identidade do homem medieval e “como o homem se define diante de Deus?”. Seria ele simplesmente o objeto de uma promessa de salvação ou, como poetiza John Milton em seu “Paraíso Perdido”, um ser com semelhança divinal no porte que até mesmo Satã sentiu-se propenso a amar, logo que viu Adão e Eva juntos no Éden?

Chegando ao fim do livro é possível concluir que, para o autor, o acontecimento fundamental da Antiguidade tardia, no plano religioso, foi o estabelecimento do monoteísmo como expressão de fé. Le Goff aponta ainda que, embora a crença em um único deus tenha uma origem comum (Abraão/Ibrahim), o monoteísmo se consolida e se modifica conforme as manifestações divinas que os homens e mulheres experimentam. Afastando, definitivamente, o Deus cristão do Deus presente no Judaísmo e no Islamismo. Portanto, o livro em questão traz reflexões



importantes, não somente acerca de Deus, mas também a respeito dos homens que balizaram suas atividades de acordo com sua espiritualidade.

Referências Bibliográficas

ADRIAO, Vitor Manuel. **Portugal Templário: vida e obra da Ordem do Templo**. São Paulo: Madras, 2011.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**; tradução de Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 2002.

ALMEIDA, Néri de Barros. **Idade Média e ancestralidade**. Estado da Arte, set. 2021. Disponível em: <https://estadodaarte.estadao.com.br/idade-media-ancestralidade-neri-almeida/>. Acesso em: 13 abr. 2022.

ALMEIDA, Néri de Barros. **O alvo da História da Igreja e a História da Igreja como alvo: o exemplo da Idade Média Central (Séculos XI – XIII)**. Revista de Estudos da Religião – REVER, São Paulo, ano 4, n. 2, 2004. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv2_2004/t_almeida.htm. Acesso em: 21 abr. 2022.

FRANCO JR, Hilário. **O Feudalismo**. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LE GOFF, Jacques. **O Homem Medieval**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

LE GOFF, Jacques. **Uma Longa Idade Média**. 4.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

LE GOFF, Jacques. **A Civilização do Ocidente Medieval**. São Paulo: Editora Vozes, 2018.

MILTON, John. **Paraíso Perdido**. Novo Hamburgo, RS: Clube de Literatura Clássica, 2020.